

Pacote, “antipático”, afeta a campanha ³³⁸

Entre os políticos paulistas, não importa se contra ou a favor do governo, a grande preocupação ontem era saber qual a influência do novo pacote econômico na eleição de novembro. Todos concordam num ponto: as medidas são antipáticas. A partir dessa constatação, cada um procurou tirar conclusões dependendo de seu ângulo de visão. O governador Franco Montoro, por exemplo, disse que o PMDB não

sairá chamuscado do episódio, porque o governo demonstrou ser sério e o povo não acredita mais em demagogia. Sem tanta convicção, talvez por ter mais a perder, já que é o candidato, Orestes Quérzia pareceu apenas conformado. “Vamos encarar”, comentou. Para o candidato do PTB, Antônio Ermírio de Moraes, a reforma é neutra, ou seja, não dá nem tira votos. A seu ver,

as medidas tomadas pelo governo foram corajosas e eram necessárias. Além disso, não mexeram no bolso dos trabalhadores. Afinal, lembrou Ermírio, “pobre não troca de carro todo ano, não viaja para o Exterior e só anda de táxi quando há uma emergência”. Argumentos semelhantes foram usados pelo líder do PCB na Câmara, deputado Alberto Goldman. O presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, ao con-

trário, se disse perplexo com o pacote e criticou “o arrocho salarial”. Segundo ele, foi um erro político tão grande que o PT nem vai precisar fazer campanha, apenas “capitalizar o descontentamento dos fiscais do Sarney”. Já o candidato do PDS, Paulo Maluf, tentou passar por bonzinho: prometeu que não vai “explorar o desgaste do governo” com os compulsórios.